

OS SENTIDOS DE SUJEITO NA ESCOLA E NA VIDA: UMA ANÁLISE DO SUJEITO A PARTIR DO POEMA EU, ETIQUETA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Karlina Arruda
Silvana Mércia
Juarez Nogueira Lins

Resumo:

Na pós-modernidade fragmentada ou na modernidade líquida como se referem respectivamente Hall (2005) e Bauman (2003) se faz necessário, cada vez mais, compreender os significados e o lugar dos sujeitos. Não apenas o sujeito rígido, uno, como é o caso do sujeito gramatical, mas, principalmente, o sujeito social – ser ativo que age e modifica a nossa sociedade contemporânea, tão complexa. Com base nesse pressuposto, o presente artigo teve como objetivo refletir acerca dos sentidos do sujeito gramatical e social a partir do poema *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade. Para tanto, buscou-se responder às seguintes perguntas: O ensino do sujeito gramatical leva o aluno a se tornar sujeito social? Ao aliar o sujeito gramatical ao sujeito social, o aluno se sentirá mais motivado para as aulas de língua portuguesa? Tais indagações justificam-se pela necessidade de um estudo da linguagem centrada nos eixos: linguístico, epilinguístico e metalinguístico, em que o aluno seja capaz de atribuir sentido aos conteúdos, articulando-os aos mais variados contextos sociais e não apenas a aula de língua portuguesa. O sujeito social, dentro desse contexto, foi analisado segundo a perspectiva de Hall (2005), Marcuschi (2008), Campbell (2006) entre outros estudiosos no intuito de traçar novas perspectivas para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Os conceitos de sujeito gramatical foram embasados em textos de Bechara (2002), Bagno (2013), Lima (2001) e Cunha (2007). Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de análise de conteúdo. E, chegou aos seguintes resultados: as noções de sujeito gramatical, sem contextualização não apresentam significações para os alunos, não os leva a se verem como sujeitos sociais. Já tratar de sujeito a partir do poema, possibilita aos alunos articular os sentidos de sujeitos gramatical e social. E ainda, de sujeito crítico e de sujeito assujeitado.

Palavras-chave: Ensino. Gênero poema. Identidade. Sujeito gramatical. Sujeito Social.

1. Introdução

Este trabalho se originou a partir das leituras e das discussões travadas na disciplina Gramática, variação e ensino, nas aulas do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), nas quais debatemos acerca da relevância de um estudo mais contextualizado no que se refere ao sujeito gramatical.

Não é novidade que em muitas escolas, o ensino de aspectos gramaticais está centrado na metalinguagem: regras, definições, atividades classificatórias e fragmentação de períodos. O texto, nestas aulas metalinguísticas, é utilizado como pretexto para o trabalho com a gramática.

Os alunos têm contato com a língua a partir de exercícios mecânicos, descontextualizados, gerando neles uma frustração, a de não saber utilizar a própria língua com propriedade.

Dentro desse contexto, a concepção de língua utilizada é aquela que vê a linguagem como algo estático, fixo, imutável e o aluno é visto como aquele que deve decorar e reproduzir as regras

impostas pela gramática e transmitidas pelo professor de língua portuguesa. Ou seja, o professor (a) que vivem na pós-modernidade ainda trata o conteúdo de maneira fixa, como uma única verdade, num mundo, em que as identidades são múltiplas, fragmentadas, líquidas.

Mesmo fora da realidade atual, as aulas de língua portuguesa na perspectiva de sujeitos unos, únicos e sem possibilidades de mudanças, ainda persistem. Um exemplo desse tipo de prática diz respeito ao estudo do sujeito gramatical. Nesse sentido, cabe nos perguntarmos: Será que o ensino do sujeito gramatical tem levado o aluno a se tornar sujeito social? Ao aliar o estudo do sujeito gramatical ao estudo do sujeito social, o aluno despertará e se sentirá mais motivado para as aulas de língua portuguesa? Estes dois questionamentos nortearão nosso trabalho e a tentaremos respondê-los ao longo deste artigo.

Nesse sentido, o artigo em questão tem por objetivo geral analisar os sentidos do sujeito social e gramatical a partir do poema *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade, partindo do pressuposto de que as aulas de língua portuguesa devem fazer o aluno refletir acerca da realidade contemporânea, tendo a língua como instrumento de interação social. Utilizamos como subsídio para nossa análise as teorias de Hall (2005), Bauman (2003), Marcuschi (2008), Campbell (2006) dentre outros estudiosos que propõem alternativas para o trabalho com a língua sob um enfoque discursivo, mas também normativo.

A pesquisa, de cunho qualitativo, utilizou a análise de conteúdo para interpretação dos dados, tendo como objeto de estudo o sujeito gramatical e social a partir do poema drummondiano. O artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: em um primeiro momento, discutimos o ensino do sujeito em uma perspectiva tradicional, destacando o conceito do termo em gramáticas diversas; em seguida, discutimos o objeto sujeito na contemporaneidade e, por fim, analisamos o poema *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade, na perspectiva do sujeito.

2. Metodologia

Para alcançar o objetivo pretendido, o artigo em questão, de cunho qualitativo, tem como foco o ensino de gramática a partir de uma perspectiva contextualizada e baseada em uma concepção de linguagem como prática social, entendendo que “a linguagem é uma mediação necessária, não é instrumento, mas é ação que transforma”. Dessa forma, não podemos estudá-la fora da sociedade.

Dentro desse contexto, tendo como intuito promover a possibilidade de uma aprendizagem da língua mais significativa, utilizou-se como metodologia de pesquisa a análise de conteúdo.

A análise de conteúdo tem por objetivo descrever e interpretar dados de uma série de documentos e textos. Segundo OLABUENAGA e ISPIZÚA (1989), a análise de conteúdo é uma

técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. O Ensino do Sujeito: a Perspectiva Tradicional

Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa (2001), Rocha Lima considera o sujeito como um termo básico da oração, ao lado do predicado, sendo “o ser de quem se diz algo” (p. 234). O sujeito é expresso por um substantivo sozinho ou por um substantivo acompanhado de determinantes. Rocha Lima explica os tipos de sujeito e cita as orações sem sujeito (Ibid., p. 235 e 236):

Celso Cunha e Lindley Cintra (2007) têm uma visão bem tradicional de sujeito, apresentando-o, assim como o predicado, como termo essencial da oração. O sujeito é visto como “o ser sobre o qual se faz uma declaração” (p. 136).

Os autores delineiam quatro classificações para o sujeito e trabalham a noção de orações sem sujeito. São propostas as seguintes classificações (Ibid., p. 140 – 144):

1) Sujeito simples: possui um só núcleo; o verbo se refere a um substantivo, a um pronome, a um numeral, a uma oração substantiva ou a uma palavra substantivada. Todos os exemplos acima possuem sujeito simples.

2) Sujeito composto: tem mais de um núcleo;

3) Sujeito oculto (determinado): não vem materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação é feita (p. 141):

a) pela desinência verbal ou pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo;

4) Sujeito indeterminado: acontece quando o verbo não se refere a uma pessoa determinada, não sendo possível identificar quem executa a ação, por desconhecimento ou por não haver interesse. O verbo aparece:

a) ou na 3ª pessoa do plural:

b) ou na 3ª pessoa do singular, com o pronome se: Ainda se vivia num mundo de incertezas. (p. 142)

Quanto à oração sem sujeito, Cunha e Cintra postulam que não se deve confundi-la com o sujeito indeterminado, que existe.

Segundo eles, eis os principais casos de orações sem sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

b) com o verbo haver na acepção de “existir”:

c) com os verbos haver, fazer e ir, quando indicam tempo decorrido:

d) com o verbo ser, na indicação do tempo em geral:

Evanildo Bechara, na *Moderna Gramática Portuguesa* (2001) considera que o sujeito é a “unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma explicitação léxica do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal” (p. 409).

Na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2001), Rocha Lima considera o sujeito como um termo básico da oração, ao lado do predicado, sendo “o ser de quem se diz algo” (p. 234). O sujeito é expresso por um substantivo sozinho ou por um substantivo acompanhado de determinantes. Rocha Lima explica os tipos de sujeito e cita as orações sem sujeito (*Ibid.*, p. 235 e 236).

Na perspectiva da Gramática contextualizada Marcos Bagno (2013), ressalta que existe uma avaliação negativa dos falantes mais letrados em relação à concordância entre sujeito e verbo quando estes constituintes estão nesta ordem e em contiguidade sintática, sem muita distância entre si, é nesses casos que devem incidir a correção explícita da docente sobre a produção falada e/ou escrita de seus alunos. Nos demais casos, os falantes urbanos mais letrados empregam as regras de concordância de forma extremamente variável e em consonância com os processamentos cognitivos. No entanto o autor ainda ressalta que o lugar atribuído ao sujeito deixa margem à identificação da noção de sujeito com a de falante individual (na verdade, de um usuário da língua que, no início do estruturalismo é definido por suas características psicofísicas - daí porque “falante”). É o que parece estar pressuposto na seguinte formulação do autor, quando comenta, criticamente, a linguística estrutural: “Uma das principais características da corrente estruturalista é sua desconsideração do **sujeito**: no caso da linguística estrutural, a língua era tomada como uma entidade autônoma, independente da vontade e da ação de seus falantes, podendo ser estudada e analisada como um sistema fechado em si mesmo” (p. 119).

Ainda segundo Bagno, quando se trata de sujeito posposto, a tradição gramatical só admite o verbo no singular se esse sujeito, além de posposto também for composto por nomes no singular. No entanto, já é regra firmada no PB a manutenção do verbo no singular com o sujeito posposto seja ele simples ou composto.

2.2 O Objeto Sujeito na Contemporaneidade

Na contemporaneidade, muito se tem discutido/problematizado a respeito da identidade. Não mais dita no singular, e sim pluralizada, já que não se pode mais pensar, em nossos tempos “pós-modernos”, em única identidade, mas sim de identidades. Outrora, falar de identidade era falar de algo único, singular, o que diferenciava o eu do Outro.

Atualmente, o sujeito é portador de múltiplas identidades, seja ela de gênero, espacial, étnica, social, territorial. Ou seja, o sujeito pós-moderno está sempre resignificando/reciclando suas

identidades e assumindo outras de acordo com a situação em que está inserido. Como afirma Hall (2005, p. 13), “ O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” .

Nesse sentido, não há como procurar uma única identidade em uma época em que o uno não mais encontra lugar, buscamos agora entender o funcionamento das várias identidades que permeiam o sujeito, no nosso caso específico, o poema *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade se constitui em representações do real e que nos dão a possibilidade de classificarmos as relações que são estabelecidas entre esses indivíduos em uma sociedade capitalista e consumista. A partir disso, várias questões emergem, dentre elas a que mais se apresenta é a que pergunta como podemos entender as identidades desse personagem pós-moderno, de atitudes tão oscilantes ?

Quem é o sujeito do poema? Um ser pensante, ou um simulacro, uma máscara, duas caras? Ou mais uma vítima da complexa teia que circunda nossa sociedade? Uma vítima da globalização? Como se caracteriza o sujeito na era atual?

Além dessa espécie de alienação que o homem vivencia, o poema evidencia a falta de identidade presente no eu poético. O sujeito passa de uma esfera à outra, ou seja, não mais um sujeito que tem suas identidades fixas, pelo contrário, sofre agora uma crise de identidade por ser o tempo todo bombardeado por uma gama de informações.

O sujeito está em plena construção e desconstrução, está negando e afirmando seus valores, suas crenças, enfim, sua identidade. Nesse sentido, o sujeito pós-moderno é alguém cheio de contradições, que segue várias direções e se utiliza de várias máscaras sociais. Isso deve-se ao fato de o homem na contemporaneidade ter de lidar com várias esferas ao mesmo tempo e estar cercado de muita informação.

3.3. Análise do Poema *Eu, Etiqueta* na Perspectiva do Sujeito

Produzido na década de 70, pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, o poema “*Eu etiqueta*” é bastante contemporâneo, haja vista retratar a “coisificação” da sociedade pós-moderna que valoriza o ter em detrimento ao ser.

O poema *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade é passível de múltiplas leituras, assim como todo texto literário. Entendendo que o gênero poema é uma fonte de transformação do olhar sobre o mundo, os versos de Drummond se configuram como de extrema relevância para se estabelecer relações entre o cotidiano dos sujeitos e as práticas de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

Desse modo, se constitui em peça-chave para levar o aluno a tecer um olhar reflexivo e, sobretudo, crítico acerca das questões que norteiam a sociedade como o consumismo na era global, questões essas que precisam ser discutidas em sala de aula.

Como temática principal, o poema aborda o consumismo acarretado pela perda de identidade do sujeito “pós-moderno”, o modo como em tempos de globalização e cultura de massa, somos influenciados pela mídia, através de canais televisivos, campanhas publicitárias, etc. O consumo tornou-se, na sociedade atual, de extrema importância para as pessoas, pois além de gerar prazer, afirma o prestígio daqueles que consomem. Tal influência tem acarretado no sujeito uma crise de identidade por não se reconhecer enquanto indivíduo portador de singularidade.

Fragmentada a identidade do sujeito, o mesmo incorporou um constante deslocar de máscaras que o sintonizam simultaneamente aos outros e ao mundo, sem, contudo, fornecer-lhe subsídios para resgatar uma individualidade centrada. O sujeito, portanto, perdeu-se de si mesmo (RAMALHO, 2008, p.21)

Esse descentramento do sujeito pode ser vislumbrado no poema de Drummond já nos primeiros versos em que já se admite uma pluralidade de sujeitos, dentre eles, os sujeitos que são atribuídos pela mídia:

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome...estranho. (ANDRADE, 2010)

Tal excerto é imprescindível para levar os alunos à reflexão acerca da influência dos ditames do consumo na vida das pessoas. Ao consumir determinada marca de produto, os sujeitos se sentem valorizados, importantes. Se não conseguem consumir a marca de produto valorizada pela mídia, o indivíduo se sente não pertencente a uma identidade, vazio, sem valor. Ou seja, as pessoas só passam a ser reconhecidas como importantes a partir do seu poder de consumo. Outros versos bastante representativos da questão da perda de identidade do sujeito contemporâneo são os mencionados abaixo:

Estou, estou na moda
É doce estar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado

Por me ostentar assim, tão orgulhoso

de não ser eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem
Já não me convém o título de homem
Meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa, coisamente. (ANDRADE, 2010)

Os versos acima comprovam que o consumismo desenfreado da era contemporânea é resultado da crise de identidade vivenciada pelos sujeitos, em que os mesmos não se reconhecem mais como indivíduos portadores de singularidades, mas sim como meros fantoches, manipulados por instâncias maiores que ditam o que deve ou não ser consumido.

Para além das questões de consumo e identidade, cabe adentrarmos nas instâncias relacionadas ao sujeito gramatical. O poema em questão dá margem para o professor trabalhar os dois aspectos relacionados ao sujeito: o social e o gramatical, levando o aluno a entender a constituição do indivíduo enquanto pertencente a uma sociedade capitalista, globalizada, plural e ao mesmo tempo, discutir questões relacionadas aos aspectos gramaticais do sujeito, quer sejam o seu conceito e classificação.

Percebe-se, através dos versos sublinhados acima que o sujeito gramatical pode ser classificado como oculto ou elíptico e no último verso apresenta-se como um sujeito simples, ou seja, ora apresenta-se explícito, ora como oculto.

Entendendo a língua como prática discursiva, o trabalho com a linguagem deve estar situado a partir de três eixos : o linguístico, o epilinguístico e o metalinguístico. O linguístico diz respeito à gramática internalizada que todo falante de língua portuguesa adquire no decorrer de sua vida. “ A atividade linguística visa a tornar operacional e ativo um sistema a que o aluno já teve acesso fora da escola, em suas atividades linguísticas comuns” (VIEIRA, 2015)

Já o eixo epilinguístico visa levar o aluno a refletir sobre os fatos linguísticos, entendendo o funcionamento da linguagem. Tal atividade “opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas gerações” (VIEIRA, 2015)

Nesse sentido, o aluno ao vislumbrar o poema Eu, etiqueta tem a oportunidade de refletir acerca das posições que o sujeito gramatical ocupa nos versos, ao mesmo tempo em que discute sobre questões que fazem parte de seu cotidiano, numa atividade que engloba aspectos linguísticos, epilinguísticos e metalinguísticos.

Desse modo, atrelar a discussão sobre a formação do sujeito social ao ensino do sujeito gramatical faz com que o aluno veja sentido nas aulas de língua portuguesa, pois o ensino se situa dentro de um contexto atual, no qual o ensino da língua não é um fim em si mesmo, mas sobretudo

atrelado a temas que dialogam com o universo do estudante, quais sejam: a discussão sobre o ser versus ter, o assujeitamento do indivíduo, a sua coisificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do poema de Drummond é possível propor alternativas para o ensino de língua portuguesa, partindo do pressuposto de que a língua se constitui como uma atividade de interação social, discursiva e reflexiva que deve engendrar o diálogo entre os interlocutores. O poema ao destacar a constituição de sujeitos pela mídia, múltiplos sujeitos, leva o aluno a relacionar a categoria de sujeito gramatical com os vários sujeitos, que ao longo da vida vão sendo constituídos para nós pelo outro, o mundo, de forma geral. Contribui ainda para que os alunos percebam que determinadas identidades estão a serviço do capitalismo, para vender produtos, para assujeitar os indivíduos. E ainda que ser sujeito vai além de uma postura rígida do sujeito gramatical, que só existe na teoria, mas que precisa fazer parte do dia a dia do aluno (a).

Assim, cremos que é papel da escola formar cidadãos críticos, capazes de perceber o mundo que os cerca e não apenas decodificadores de códigos e de regras sintáticas. E para que isso ocorra, faz-se necessário que a língua seja vista não como algo estanque, mas construída e reconstruída a partir das relações estabelecidas entre os envolvidos nas atividades interacionais.

Desse modo, trabalhar a partir da perspectiva textual o sujeito gramatical é possível, haja vista abrir-se um leque de possibilidades para que o professor possa trabalhar a definição e classificação do sujeito não de forma mecânica, classificatória, mas sim atrelada a um contexto maior de discussão de temáticas que estão em pauta na atual sociedade.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. PCN Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais: Linguagem, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEF,2000.244p.

CAMPBELL, Colin; BARBOSA, Livia. Cultura, consumo e identidade. (Orgs.) Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FOLTRAN, M. J. Ensino de sintaxe: atando as pontas. In: MARTINS, M. A.(Org.) Gramática e ensino. Natal>EDUFRN,2013.p.163-184.(Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, (Vol 1).

GOMES, Carlos Magno; ENNES, Marcelo Alario. (Orgs). Identidades: teoria e prática. São Cristovão: UFS, 2008.

Legião urbana. Geração coca-cola. Compositor. Dado Vila-Lobos, Renato Russo.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

ORLANDI, Eni P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas: São Paulo: Pontes, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.).Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIEIRA, S. R. Três eixos para o ensino de gramática: uma proposta experimental. In: NORONHA, C. A.; SÁ JR.,L.A.de.(Orgs).Escola, ensino e linguagens. Propostas e reflexões. Natal/RN: UFRN.